

Eça de Queirós em Imagens Animadas

José de Matos - Cruz

UM DOS MAIS IMPORTANTES AUTORES DA LITERATURA portuguesa, em finais do século passado, José Maria Eça de Queirós (1845-1900) tornar-se-ia um dos nossos escritores cuja obra, com maior frequência e de modo mais sugestivo, foi transposta pelo cinema – uma arte então nascente, propícia e representativa – mesmo com incidência além-fronteiras. Aliás, o próprio Eça de Queirós teria a sua personalidade analisada, ou converter-se-ia em personagem testemunhada, entre ficções e alusões, pela expressão sempre evolutiva das imagens animadas. Eis um vário panorama internacional, complementado em perspectiva histórica ou motivada pelo centenário da sua morte...

1922

O PRIMO BASÍLIO

35 mm - pb - 3446 mt.

Realização: Georges Pallu. Produção: Invicta Film; obra original: *O Primo Basílio*; autor original: Eça de Queirós; adaptação: Georges Pallu, António Pinheiro; fotografia: Maurice Laumann.; decoração: Hernani de Sá, Henrique Castro Lopes; montagem: Mme Meunier, Georges Pallu; direc. actores: António Pinheiro; estúdios: Invicta Film; exteriores: Lisboa, Sintra; data rodagem: 1922; lab. imagem: Invicta Film; produção exec: Alfredo Nunes de Mattos; distribuição: Castello Lopes; estreia: Condes. Data Estreia: 16 Mar 1923.

Intérpretes/Personagens: Amélia Rey Colaço (Luísa), Raul de Carvalho (Jorge), Robles Monteiro (Basílio), Ângela Pinto (Juliana), António Pinheiro (Conselheiro Acácio), Deolinda Sayal (Leopoldina), Álvaro Barradas (Sebastião), Arthur Duarte (Ernestinho), Maria Campos (Joana a Cozinheira), Júlio Soares (Julião o Médico), Duarte Silva (Banqueiro Castro), Júlia Silva (D. Felicidade de



O Primo Basílio, 1922.
Fotografia de colecção
do autor.

Noronha), Regina Montenegro (Tia Vitória), Tomás Gomes (Visconde Reinaldo), Artur Carvalho, António Duarte.

Lisboa, 1876. Luísa – há três anos mulher de Jorge, que está prestes a partir em missão para o Alentejo – tem conhecimento da chegada do primo Basílio, após longa estadia no Brasil, onde parece ter feito fortuna. Fora ele o primeiro a fazer-lhe a corte, quando tinha dezoito anos, mas as recordações não lhe provocam saudades, pois dedicara-se ao marido...

Observações: data de estreia no Porto (Jardim Passos Manuel): 27 Mar 1923.

1934

EL PRIMO BASILIO

35 mm - pb - 2500 mt - 92 mn.

Realização: Carlos de Nájera; produção: Eurindia Films (México), assis. realização: Miguel M. Delgado; obra original: *O Primo Basílio*; autor original: Eça de Queirós; adaptação: Carlos de Nájera; fotografia: Alvin Wickof, Gabriel Figueroa; ef. Especiais: Salvador Pruneda; cenários: Julio Cano; som: José B. Carles; voz off: Luis G. Roldán; música: Max Urban; canções por: (Ave Fenix) Luís G. Roldán; montagem: José Marino; produção exec.: Servando C. de la Garza; apresentação: Cinemateca Portuguesa. Data Apresentação: 19 Jun 1997.

Intérpretes/Personagens: Andrea Palma (Luísa), Ramón Pereda (Basílio), Domingo Soler (Sebastián), Joaquin Busquets (Jorge), Natalia Ortiz (Juliana), Josefina Velez, Consuelo Cegarra, Maruja Gómez, Godofredo de Velasco, Luisa Obregón, Felipe Montoya, Armando Velasco, Maruja Gómez, Ave Fenix.

Jorge sai de viagem e deixa só a esposa, Luísa, que recebe a visita do ex-noivo e primo Basílio. Depois de a seduzir, Basílio começa a mostrar-se indiferente. A criada Juliana

encontra uma carta amorosa, de Luísa para ele; exige à patroa mil pesos para devolvê-la, e abusa da situação. Basílio parte, enquanto Jorge regressa. Um amigo deste, Sebastián, enfrenta Juliana, e tira-lhe a prova comprometedor. Doente do coração, Juliana morre, mas chega outra missiva de Basílio. Jorge inteira-se de tudo e Luísa, de saúde muito delicada, não suporta o enfrentamento de Jorge. Luísa acaba por morrer, embora o ateu Jorge peça a Deus que a salve...

Observações: adaptação da Obra de Eça de Queirós.

1944

EL DESEO

35 mm - pb - l/m.

Realização: Carlos Schlieper; produção: (Argentina); obra original: *O Primo Basílio*; autor original: Eça de Queirós.

Intérpretes/Personagens: Aida Luz (Luísa), Santiago Gómez Cou (Basílio).

Jorge sai de viagem e deixa só a esposa, Luísa, que recebe a visita de Basílio, um primo e pretendente, há vários meses ausente. Depois de a seduzir, Basílio começa a mostrar-se indiferente. A criada Juliana encontra uma carta amorosa, e abusa da situação, fazendo chantagem sobre Luísa...

Observações: adaptação da Obra de Eça de Queirós.

1945

SONHO DE AMOR

35 mm - pb - 2750* mt - 94 mn.

Realização: Carlos Porfírio; produção: Cinelândia; notas: *Em Registo de Censura: 3160 mt - 115 mn; assis. geral: Antero Tovar Faro; assis. realização: Raul Faria da Fonseca; argumento: Carlos Porfírio; assis. literário: Gentil Marques; diálogos: Carlos Porfírio; colaboração diálogos: Cochat Osório; fotogra-

Sonho de Amor, 1945. Fotografia de colecção do autor.



fia: Salazar Diniz; decoração: Américo Leite Rosa; mobílias: Barbosa & Costa; cenários: (maquetes) José Espinho, (construções) Afonso Costa; vestuário: (guarda-roupa) Cinelândia, (figurinos) Paulo Ferreira; caracterização: Júlio de Sousa; cabeleireiro: Fernando Garcês; chapéus: Alda Dinis; assis. cena: Ariosto de Mesquita, Elísio dos Santos; anotação: Mário Guimarães; direc. de Som: Barroso Ramos; música: Jaime Silva Filho; letra canções: («Sonho de Amor») Silva Tavares; canções por: Grupo Coral; coreografia: («Cancanistas») Bailarinas do Grupo «Verde Gaio»; montagem: Alzer Barreto; estúdios: Cinelândia; data Rodagem: Ago 1944; lab. imagem: Cinelândia; produção exec.: Hamílcar da Costa; patrocínio: Agostinho Fernandes; distribuição: Atlante Filmes, Sonoro Filme, Filmes Albuquerque, Doperfilme; ante-estreia: Salão Central Eborense (Évora); data Ante-Estreia: 27 Dez 1945. Estreia: Ginásio; data estreia: 25 Ago 1948.

Intérpretes/Personagens: Maria Eduarda Gonzalo (Fernanda), Ramiro da Fonseca (Luciano), Bárbara Virgínia (Alda), Olavo d'Eça Leal (Mário), D. João da Câmara (Conde de S. Domingos), Reina Baumberg (Amélia), João Ramos (Almirante Meneses), Maria Lagoa (Henriqueta), Ema Cordeiro (D. Mafalda), Micaela Villares (Isilda), Ruy Furtado (Elias), Inah Constança (Lola), José Ferreira da Costa Pereira (Bento), Fernando Pereira (Médico), Fernando Maynard (Amigo de Mário), Oliveira Abrantes (Poeta), Pedro Tavares (Dono da Casa de Músicas), Abraão Coimbra (Carteiro), Maria Pires Marinho (Vicência), Meniche Lopes (Enfermeira), Agenor de Oliveira (Camponês), Maria Neto de Jesus (Maria), Aurora Corado (Júlia), Noémia Simões (3ª Criada), Maria Penaguião (4ª Criada).

A Lisboa de 1900, com a sua rede de intrigas, frivolidade e modas de época, onde se

procurou enquadrar – atravessando um caso sentimental, em que se confrontam preconceitos e realismo – a sátira mordaz das tertúlias de Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Fialho de Almeida, tal como se encontra inscrita nas páginas fecundas dos «Vencidos da Vida»... A tragédia de Fernanda, protagonista, é sentir com perfeição, sofrer com requinte – podendo, pois, chamar-se-lhe «*A que morreu de amor*».

1954

O CERRO DOS ENFORCADOS

35 mm - pb - 2938 mt - 107 mn.

Realização: Fernando Garcia; produção: Domingos de Mascarenhas, Nacional Filmes; assis. geral: Fernando Maynard; assis. realização: Fernando Cerdeira, Miguel Spiguel, Luís Emauz; obra original: *O Defunto*; autor original: Eça de Queirós; colaboração literária: Carlos Selvagem; adaptação: Domingos Mascarenhas, Fernando Garcia; diálogos: Domingos Mascarenhas, Fernando Garcia; fotografia: J. César de Sá; assis. imagem: António Alcácer; efeitos especiais: Aquilino Mendes; iluminação: Susano Pinheiro; cenografia: José Mergulhão, Raul Campos; decoração: Carlos Filipe Ribeiro; assis. dec: Augusto L. Grilo, Armando Bruno, Velez Lima; cenários: Manuel Lapa, Carlos Filipe Ribeiro, (aderecista) Justo Salgado; figurinos: Carlos Filipe Ribeiro Ribeiro; vestuário: (eEstudos) Manuel Lapa; assis. vestuário: Alberto Ribeiro; caracterização: Augusto Madureira; cabeleireiro: Adalberto Madureira; fot. de cena: João Martins; direc. de som: Heliodoro Pires; op. som: José de Castro; música: Joly Braga Santos; direc. musical: Silva Pereira; montagem: Maria Beatriz; estúdios: Cinelândia; data rodagem: 1954; lab. imagem: Ulyssea Filme; reg. som:



O Cerro dos Enforcados, 1954. Fotografia de colecção do autor.

Nacional Filmes; sec. produção: Manuel da Costa Fróis; distribuição: Exclusivos Triunfo. Estreia: Império; data estreia: 17 Mar 1954.

Intérpretes/Personagens: Alves da Costa (D. Afonso de Lara), Helga Liné (D. Leonor), Artur Semedo (D. Rui de Cardena), Brunilde Júdice (Mécia), Raul de Carvalho (Gonçalo), José Victor (Padre Lúcio), José Viana (Brás), Jaime Santos (Justiçado), Carlos Wallenstein (Intendente), Lucília Maio (Rosália), Isa Olguim (Isabel), Lily Neves (Vendedeira), Pereira Saraiva (Criado de D. Rui), Alfredo Pereira, Agostinho Raimundo, Constantino de Carvalho, Pestana Amorim, Fernando Gusmão, Armando Cortez, Américo Patela.

Século XV. D. Afonso, velho fidalgo ciumento, ordena que todos se afastem quando a mulher, D. Leonor, vai à igreja orar à Virgem das Mercês. Um dia, é vista por outro nobre, D. Rui, que fica deslumbrado com a sua beleza. D. Afonso manda retirar a esposa para a quinta de Cabril, e decide apunhalá-lo próprio o rival, à noite... Porém, o corpo desaparecerá misteriosamente.

Edição em Vídeo: Imaginação.

O PRIMO BASÍLIO

35 mm - pb - 3775 mt - 138 mn.

Realização: António Lopes Ribeiro; produção: Eduardo Mário Costa; orçamento divulgado: 3.000 contos; assis. geral: (delegado) Elizabeth Prévost; assis. realização: Manuel Guimarães, F. Ducla Soares, Carlos Filipe Ribeiro; obra original: *O Primo Basílio*; autor original: Eça de Queirós; adaptação: António Lopes Ribeiro, Emília Duque, Eduardo Costa; fotografia: Mário Moreira; decoração: Marcello de Moraes; vestuário: Marie Gromtseff, (figurinos) Douking; guarda-roupa: Anahory, Péris Hermanos; caracteri-

zação: Marcel & Odette Rey; cabeleireiro: Marcel & Odette Rey; fot. de cena: (reportagem) Luís Mendes; direc. de Som: Enrique Dominguez; música: Gounod, Offenbach; direc. musical e arranjos: Jaime Silva Filho; mús. canções: Waldemar Henriques; canções por: Maria d'Apparecida, António Vilar; montagem: Pablo del Amo; estúdios: Tobis Portuguesa, (interiores) Teatro de São Carlos; data rodagem: Jan/Mai 1959; lab. imagem: Tobis Portuguesa; chefe produção: Alfredo Caldeira; assis. produção: (delegado) Elizabeth Prévost; distribuição: Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas/SPAC. Estreia: São Luiz, Alvalade, Politeama; data estreia: 1 Dez 1959.

Intérpretes/Personagens: António Vilar (Basílio), Danik Patisson/Voz de Carmen Dolores (Luísa), Paiva Raposo (Jorge), Cecília Guimarães (Juliana), João Villaret (Sebastião), Fernando Gusmão (Julião), Francisco Ribeiro/Ribeirinho (Ernesto Ledesma), Manuel Leren (Visconde Reinaldo), Aura Abranches (D. Felicidade), Carmem Mendes (Joana), Maria Domingas (Leopoldina), Elvira Velez (Senhora Helena), Virgílio Macieira (Conselheiro Acácio), Luís de Campos (Paulo dos Móveis), Costa Ferreira (Castro), Luísa Durão (Carvoeira), Maria Olguim (Senhora Margarida), Maria Teresa Motta (Mariana), Manuel Santos Carvalho (Comissário Vicente), Pizani Burnay (Polícia Mendes), Mário Santos (Dr. Caminha), Maria d'Apparecida (Mulata), Rudolfo Neves, Carlos Fonseca. Cantores da Ópera «Fausto»: Álvaro Malta (Mefistófoles), João Rosa (Fausto), Irene Fernandes (Margarida), Guilhermina Viegas (Marta).

Lisboa, 1876. Durante a ausência de Jorge, engenheiro de minas, Luísa, a mulher, deixa-se seduzir por Basílio, um parente com quem rompera anos antes, que fora para o

O Primo Basílio, 1959.
Fotografia de colecção do autor.



Brasil. Juliana, ambiciosa criada de Luísa, faz chantagem a propósito dumas cartas comprometedoras, o que leva a rezear um escândalo. Basílio deixa Lisboa e Luísa, de cabeça perdida pelas sucessivas exigências de Juliana, acaba por tombar de fatal enfermidade...

Observações: Prémio do SNI à Melhor Actriz – Cecília Guimarães. Edição em Vídeo: Lusomundo.

1969

A CAPITAL

Realização: Artur Ramos; produção: Radiotelevisão Portuguesa/RTP; autor original: Eça de Queirós; adaptação: Artur Ramos, Artur Portela; cenografia: João Abel Manta; contra-regra: Alfredo Martinho; emissão: RTP.

Intérpretes/Personagens: Glicínia Quartim (Tia Sabina, D. Joana Coutinho), Luíza Neto (D. Galateia, Viscondessa), Eduarda Pimenta (Tia Ricardina, Baronesa), Fernanda Barreto (Joana a Criada das Tias, a Criada da Concha), Beatriz Nascimento (Mariquitas, 1ª Menina, Miúda do Cemitério), Anabela Rodrigues (2ª Menina, Miúda do Cemitério), António Montez (Artur Curvelo), Carlos Santos (Teodósio, Melchior), Vicente Galfo (Damião, Xavier, Convidado de D. Joana, Manolo, Gilberto), Victor de Sousa (Taveira, Marinho, Guerra, Pancho), Manuel Cavaco (Marçal, Carvalhosa, Nazareno), Carlos Veríssimo (Vilhena, Vilela, Rapaz do Pince-Nez, Secretário), Baptista Fernandes (Albuquerquezinho, Padilhão), Ruy Furtado (Vasco, Convidado de D. Joana, Malaquias), José David (2º Taquista, Sr. Galinha, Convidado de D. Joana, Secretário), João Guedes (Rabecaz, Sarrotini, Abílio Pimenta), Luís Amaral (Taquista, Esteves, Criado ao Jantar), José António (2º Operário,

Criado ao Jantar), Branco Alves (1º Operário, Tio de Beja, Matias, Coveiro), Luís Varela (Homem na Morte do Pai, Roma, Jogador Irascível), José Gomes (Carneiro, Saavedra, Manuel o Criado Galego).

A acção decorre em 1870. I Acto – Oliveira de Azeméis, II Acto – A Chegada a Lisboa, III Acto – Os Grandes Embates, IV Acto – O Descalabro.

1977

EÇA DE QUEIROZ

16 mm - pb - 27 mn.

Realização: Noémia Delgado; produção: Radiotelevisão Portuguesa/RTP; série: «As Palavras Herdadas»; texto: Mário Varela Soares; adaptação: Noémia Delgado; fotografia: Moedas Miguel; direc. de som: Nuno Belchior; assis. som: João Sarabando, Arménio de Jesús, Vítor Silva; música: («Gaité Parisienne») Offenbach, («Patética e Temperade») Beethoven, («Aída») Verdi, («Abegg – Variações») Schumann, («Paris Sera Toujours Paris») Jean Sablon; data rodagem: 1977.; montagem: Noémia Delgado; produtor: João Martins; colaboração: Círculo Eça de Queiroz; emissão: RTP. Data Emissão: 1977.

Intérpretes/Personagens: José Costa Reis (Eça de Queirós), António Batarda (Fradique). Excerto de *O Primo Basílio*: Luís Barradas (Conselheiro Acácio), Jorge Manuel Antunes (Julião), José de Sá Caetano (Voz de Jorge). Excerto de *A Ilustre Casa de Ramires*: Theo de Carvalho (Fidalgo Gonçalo M. Ramires), Eduardo Ramos Lopes (José Casco).

Reflectido num espelho, Fradique lê notas sobre a vida e a obra de Eça de Queirós. Ao referir-se ao nascimento da sua personagem, passa a figura real. Eça de Queirós surge, respondendo ao comentário de Fradique, dizendo frases ou lendo excertos dos seus livros.

1978

Os Lobos

16 mm - c - 27 mn.

Realização: Pedro Bandeira Freire; produção: Instituto Português de Cinema/IPC; título de rodagem: «O Tesouro»; assis. realização: António Damião; obra original: *O Tesouro*; autor da obra original: Eça de Queirós; adaptação: Perdigão Queiroga; argumento: Pedro Bandeira Freire; diálogos: Perdigão Queiroga; fotografia: Perdigão Queiroga; op. imagem: Emílio Pinto; assis. imagem: José Carlos Barradas; iluminação: (chefe) Fernando Augusto, António Baptista, João Franco, João Bernardes Santos; maquinista: Fernando Gomes; cenografia: Alberto Kemp da Silva; caracterização: Francisco Villaverde; assis. cena: António Nuno Franco; anotação: Olívia Varela/Manólviva; direc. de som: José Eduardo Queixinhas; assis. som: João Abóbora; música: José Luís Tinoco; data rodagem: 1977; motorista: Henrique Pinto Sousa; montagem: Perdigão Queiroga, (assis) Álvaro Felizardo; lab. imagem: Ulyssea Filme; reg. som: Nacional Filmes; direc. produção: Óscar Cruz; chefe produção: Francisco Silva; assis. produção: João Ferreira; sec. produção: Natércia Machado; apresentação: 8º Festival de Cinema da Figueira da Foz. Data Apresentação: Set 79.

Intérpretes: Luís Pereira Maurício, João Mota e Hortas, João Franco Alberto.

Em plena Idade Média, três irmãos – Guannes, Ruy e Rostabal, nobres arruinados que o infortúnio reduziu à violência – encontram certo dia um cofre abandonado, com valioso recheio de ouro e jóias. Cegos pela cobiça, cada um engendra o seu plano para eliminar os outros, morrendo os três por uma fortuna suficiente para satisfazer a ambição de todos...

Observações: 3º Prémio do Público – em Huelva 1978.



Os Lobos, 1978. Fotografia de colecção do autor.

Os Maias, 1979. Fotografia de colecção do autor.

1979

Os Maias

Vd - c - Sr tv - 4 ep.

Realização: Ferrão Katzenstein; produção: Radiotelevisão Portuguesa/RTP; orçamento divulgado: 1.150 contos; obra original: *Os Maias*; autor original: Eça de Queirós, (peça) José Bruno Carreiro; adaptação: Ferrão Katzenstein; figurinos: António Casimiro; coreografia: Manuela Pilar; fot. de cena: João Ponces de Carvalho; interiores: (Ensaaios) Teatro Maria Matos, Estúdios do Lumiar; exteriores: Sintra – Quinta da Penha Longa –, Lisboa – Fundação Ricardo Espírito Santo, Bairro da Lapa; data rodagem: Mar 1979; produtores: João Nuno Nogueira, Maria Helena; assis. produção: António Lopes da Silva, Filipe Nogueira. Emissão: RTP1; data emissão: 10 Mai 1979.

Intérpretes/Personagens: Carlos Carvalho (Carlos da Maia), Lia Gama (Maria Eduarda), Rubens de Falco (Castro Gomes), Canto e Castro (Dâmaso Salcede), Fernando Curado Ribeiro (Afonso da Maia), Vicente Galfo (João da Ega), Rui Mendes (Pedro da Maia), Ruy de Carvalho (Marquês de Souselas), Maria Amélia Matta (Melanie), João d'Ávila (Vilaça), Joel Branco (Telles da Gama), Victor de Sousa (Taveira), Couto Viana (Baptista), Maria Alberta (Miss Sara), Artur Semedo (Joaquim Guimarães), Julie Sargeant (Rosicler), Carlos Duarte (Craft), Armando Venâncio (Domingos), Luiz Beira.

Lisboa, segunda metade do Século XIX. Um aristocrata e rico proprietário, Afonso da Maia teve um único filho, Pedro da Maia, educado pela mãe dentro de uma falsa religiosidade. Frequentador de botequins e bordéis, acaba por fazer um casamento contra a vontade do pai, do qual nascem duas crianças: um rapaz e uma rapariga. A mulher foge com um napolitano e leva consigo a filha, de quem

nada mais se sabe. Desolado, Pedro da Maia suicida-se, ficando o filho entregue ao avô. Educado amorosamente pelo velho Afonso, Carlos da Maia faz-se um esbelto e inteligente mancebo...

SA TO ANTERO VIDA E OBRA DE ANTERO DE QUENTAL

16 mm - c - 1010 mt - 92 mn.

Realização: Dórdio Guimarães; produção: Produções Cinematográficas Manuel Guimarães; orçamento divulgado: 1.100 contos; assis. realização: Clárisse Guimarães; argumento: Natália Correia; planif/seq: Dórdio Guimarães; fotografia: Aquilino Mendes; assis. imagem: Nelson Gonçalves; caracterização: Francisco Vilaverde; fot. de cena: Benjamim Falcão, Nelson Gonçalves; anotação: Clárisse Guimarães; assis. cena: Constante Marques; narrador: Varela Silva; música: Fernando Guerra; montagem: Dórdio Guimarães, Manuel Pina; exteriores: Açores – S. Miguel –, Lisboa, Porto, Coimbra, Vila do Conde; data rodagem: 1979; lab. imagem: Ulyssea Filme, Radiotevisão Portuguesa/RTP; reg. som: Nacional Filmes, Rádio Triunfo; direc. produção: Benjamim Falcão, (chefe) Constante Marques; patrocínio: Governo Regional dos Açores; distribuição: Espectáculos Rivus; ante-estreia: Casino Estoril; data ante-estreia: Out 1979. Estreia: Teatro Micaelense (Ponta Delgada); data estreia: 1 Mar 1980.

Intérpretes/Personagens: António Rieff/Voz de Varela Silva (Antero de Quental), Benjamim Falcão (Oliveira Martins), Rato Machado (Eça de Queirós), Rolando Alves (Ramalho Ortigão), Luís Mascarenhas (Guerra Junqueiro), Maria Helena Cantos (Mulheres que Antero Amou), Luís Filipe Rieff (Antero em Criança), Marcus Noronha da Costa (Faria e Maia).



Percurso biográfico sobre o poeta açoreano Antero de Quental (1842-91), como ele poderia ter reorganizado mentalmente, nos momentos que antecederam o seu suicídio em Ponta Delgada. Discurso literário/oral (em «off»), na primeira pessoa, sublinhando a complexa personalidade do «cavaleiro» errante. Abordagem aos anos 60 e 70 do século XIX, implicando conhecidas figuras literárias (Oliveira Martins, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro) e acontecimentos culturais determinantes (as Conferências do Casino, os Vencidos da Vida, o Grupo dos Cinco).

Observações: Rodagem parcial nos Açores. Menção Especial do Júri – em Santarém 1979.

Santo Antero – Vida e Obra de Antero de Quental, 1979. Fotografia de colecção do autor.

A TRAGÉDIA DA RUA DAS FLORES Vd - c - Sr tv - 13 ep.

Realização: Ferrão Katzenstein; produção: Radiotevisão Portuguesa/RTP; obra original: *A Tragédia da Rua das Flores*; autor original: Eça de Queirós; adaptação: Ferrão Katzenstein, Luís de Pina; iluminação: Nunes Granjeira; cenografia: António Casimiro; figurinos: Helena Reis; sonoplastia: Albano da

Mata Diniz; música: Pedro Osório; data rodagem: 1980; genérico: Carlos Barradas; produtor: Luís de Freitas; produção exec.: Maria José Mendonça, António Martins; dmissão: RTP1. Data Emissão: 22 Jan 1983.

Intérpretes/Personagens: Antonino Solmer (Victor Lorvelo), Lourdes Norberto (Genoveva), António Assunção (Dâmaso), Elisa Lisboa (Miss Sara), Márcia Breia (Melanie), Santos Manuel (Timóteo), Orlando Costa (Camilo Serrão), Baptista Fernandes (Fournier), Verónica (Cloride), José Peixoto (D. João da Maia), Natália Luiza (Joana), Carlos César (Palma Gordo), Manuela Queirós (Espanhola), João d'Ávila (Meirinho), Manuel Marinho (Farrottini), Maria Amélia Matta (Madalena Gordon), Madalena Braga (D. Joana Coutinho), Maria Emília Castanheira (Madame Livally), Andrade e Silva (Vizinho), José Gonçalves (Conde Valmoral), Asdrubal Teles (Dr. Torres), São José Lapa (Aninhas), David Silva (Dr. Caminha), Manuel Coelho (Rui), José Manuel Mendes (Procurador Gorgão), Branco Alves (Pedro da Golegã).

Século XIX. A paixão maldita de Genoveva e Victor, que avassala a existência pessoal e íntima destas personagens, e abala os valores e preconceitos da sociedade portuguesa naquela época.

O QUERIDO LILÁS

35 mm - c - 2836 mt - 104 mn.

Realização: Artur Semedo; produção: Doperfilme; orçamento divulgado: 35 000 contos; assist. realização: João Pinto Nogueira/Pinconé, Natércia Machado, Mónica Lopes; argumento: Artur Semedo; colaboração no argumento: Almeida Garrett, Eça de Queirós, Herman José, João Lopes; diálogos: Artur Semedo; planif/seq: Artur Semedo; fotografia: Mário de Carva-

lho; assist. imagem: Henrique Serra, Luís F. Rodrigues; chefe maquinista: José Vasques; iluminação: (chefe) Gabriel Silva; assist. maq.: João Pedro Silva; electricistas: Constantino Guimarães, Carlos Alberto Lopes; decoração: António Casimiro; cenários: (adereços) Alberto da Conceição; confecção: Criações Ivone Nogueira; vestuário: Helena Reis, João Quintão; assist. vestuário: Elizabeth Lopes; caracterização: Ana Escada; cabeleireiro: Margarida Grilo; fot. de cena: Laura Castro Caldas; colaboração: João Albuquerque Ramos, João Sodré; genérico: Tope Filme; direc. de som: Carlos Alberto Lopes; assist. de som: Valdemar Miranda; sonoplastia/mist: (especial) Raul Ferrão, Luís Barão; música: Pedro Correia Martins; exec. musical: (à guitarra) António Luís Gomes, (à viola) Jaime Santos; canções por: Carlos Paião; montagem: Pedro H. Pinheiro; montagem negativo: Ana de Lourdes Claudino; estúdios: Tobis Portuguesa; motorista: Alfredo Gomes; exteriores: Azeitão, Cascais – Teatro Gil Vicente; data rodagem: 1986/87; lab. imagem: Tobis Portuguesa; etalonagem: Dora Rolim; reg. som: Nacional Filmes; direc. produção: Benjamin Falcão; assist. produção: Agostinho Cruz, Quirino Moreira; sec. produção: Fátima Saramago, Maria Augusta Amado; distribuição: Doperfilme. Estreia: Eden, Estúdio 444; data estreia: 13 Nov 1987.

Intérpretes/Personagens: Herman José (Beladona, Querido Lilás, Esteves), Artur Semedo (Empresário Sertório), Rita Ribeiro (Madalena Fadista), Henrique Viana (Realizador), Victor de Sousa (Secretário, Frei Jorge), Fernanda Borsatti, Natalina José, Filipe Ferrer, António Manuel Couto Viana, Rui Luís, Benjamin Falcão, Baptista Fernandes, Jorge Listopad, Graça Brás, Lina Morgado, Ângela Pinto, Durval Lucena.

O Querido Lilás, 1987. Fotografia de colecção do autor.



Uma grande actriz, casada com homem estéril, Beladona deu à luz, na clandestinidade, um menino. Para evitar escândalo e os mexericos das colunas sociais, o empresário, comunado com o pai de Beladona, esconde a criança, enquanto o consorte mergulha bem longe no seu infortúnio. Uma artimanha típica de fim do século XIX faz desaparecer o inocentinho, que a progenitora julga morto. Os anos passaram e, já homem, o filho encontra a desconhecida mãe. Verem e amarem-se, é obra de momento...

Observações: Grande Prémio do IPC; Prémio do IPC à Interpretação Masculina (Herman José) em 1988. Edição em Vídeo: Lusomundo.

1987

A RELÍQUIA

Sr 3 ep.

Realização: Artur Ramos; produção: Radiotelevisão Portuguesa/RTP; autor original: Eça de Queirós; adaptação: Luís de Sttau Monteiro, Artur Ramos; cenários: (1970) João Abel Manta, (Tv) Fernando Filipe; cenografia: Hernani & Rui Martins (1970); figurinos: João Abel Manta; guarda-roupa: Anahory; montagem: Hernani & Rui Martins (1970); produção teatral: Igrejas Caeiro (1970); emissão: RTP.

Intérpretes/Personagens: Júlio César (Raposão), Carlos Costa (Comendador Godinho), Paula Rocha (D. Maria do Patrocínio), Ana Rita (D. Rosa), José Cassiano (Rufino Raposo), Rogério Paulo (Dr. Margaride), Carlos Fonseca (Sr. Matias), Germano (Criado da Estalagem), Elisette Teixeira (Inglesa do Senhor Barão), J. Pedro (Teodorico), Cremilda Gil (Vicência), Fernanda Coimbra (Titi), Júlio Cardoso (Padre Casimiro), Emílio Correia (Padre Pinheiro), Gilberto Gonçalves (Justino), Melim Teixeira (Padre Soares), Pedro Oom (1º Estudante), João Baião (2º Estudante), André

Maia (3º Estudante), Teresa Sobral (1ª Tricana), Carla Anjos (2ª Tricana), Cristina Carvalhal (3ª Tricana), Isabel Albuquerque (4ª Tricana), J. Doutor (Alfaiate), Carlos Cabral (Xavier), Eugénia Bettencourt (Carmen), Artur Mendonça (Criado do Café), Rita Ribeiro (Adélia), Lúcia Maria (Ernestina), António Filipe (Adelino), Orlando Dantas (Chapeleiro), Miguel Guilherme (Padre Negrão), Luz Franco (Jesusína), Silva Heitor (Lino), Ruy Furtado (Dr. Topsius), Miguel Meneses (Lacedemónio), Carlos Gonçalves (Alpedrinha), Maria Amélia Matta (Mary), Pedro Alves (Moço d'Hotel), Vasconcelos Viana (Potte), Luís Vasconcelos (Inglês), Maria Arriaga (Inglesa), Adelaide João (Fatmé), Maria Emília Carvalho (Circassiana).

Incumbido pela tia de trazer uma relíquia da Terra Santa, Raposão engana-se no embrulho, e entrega-lhe a camisa de uma inglesa com quem tivera «comércio» no Cairo...

Observações: adaptação da encenação de 1970, no Teatro Maria Matos, «*com um espaço cénico inovador*» (Artur Ramos).

1991

O MANDARIM

Vd - c - Sr tv - 3 ep 55 mn cd.

Realização: Ferrão Katzenstein; produção: Radiotelevisão Portuguesa/RTP; orçamento divulgado: 47 000 contos; assist. realização: Francisco Cervantes; obra original: *O Mandarim*; autor original: Eça de Queirós; adaptação: José Fanha, Mira Coelho; argumento: Ferrão Katzenstein; câmaras: Raúl Flores, Artur Faneco; iluminação: Fernando Fareleira; cenografia: Maria João Silveira Ramos; figurinos: Fernando Filipe; caracterização: Etelvina Aires; anotação: Dinah Costa; fot. de cena: Francisco Cervantes; genérico: Nuno Amorim; direc. de som: Armando Coimbra; sonoplastia: Raúl Ferrão; música: João Moz Carrapa; rodagem: Portugal, Macau;



Amor e Cia, 1998. Fotografia de colecção do autor.

data de rodagem: Jan/Fev 1991; montagem: Armando Neto; produtor: Ana Martins Varela; patrocínio: Fundação Oriente, Teledifusão de Macau/TDM; delegado s da TDM: João Nuno Nogueira, Angélico de Sousa; emissão: RTP - Canal 1. Data de emissão: 30 Nov. 1991.

Intérpretes/Personagens: Victor Norte (Teodoro), Virgílio Castelo (Diabo), José Pedro Gomes (Sa-To), Natália Luiza (Generala Vladimira Kamilof), Baptista Fernandes (General Kamilof), Natalina José (D. Augusta), Henrique Viana (Zenóglio), António Assunção (Tenente Couceiro), Julie Sargeant (Cândida), Fernando Luís (Cabrita), Couto Viana (Meristof), Ana Paula, Glárcia Quartin.

Lisboa. Um amanuense do Ministério do Reino, Teodoro, seduzido pelo Diabo, faz soar uma campanha que leva à morte um mandarim na longínqua China, e de quem herda milhões. Perseguido pelo remorso, e pelo fantasma constante do bojudo mandarim, Teodoro vai à China, em peregrinação, para se livrar daquela aparição incómoda, doando a fortuna aos descendentes do nobre oriental...



AMOR & CIA

35 mm - c - 2750 mt - 100 mn.

Realização: Helvécio Ratton; produção: Rosa Filmes; Quimera Filmes, Riofilme; orçamento divulgado: \$3.000.000 (dólares); argumento: Carlos Alberto Ratton; obra original: *Alves & Cª*; autor da obra original: Eça de Queirós; fotografia: José Tadeu Ribeiro; direcção de arte: Clóvis Bueno; cenografia: Vera Hamburger; figurinos: Rita Murtinho; música: Tavinho Moura; direc. de som: José Moreau Louzeiro; montagem: Diana Vasconcelos; exteriores: São João del Rey, Tira-Dentes (Brasil); produtores: Rosa Amarante; Simone Magalhães Matos; distribuição: FBF Estreia: Alcântara, São Jorge; data estreia: 7 Mai 1999.

Intérpretes/Personagens: Marco Nanini (Godofredo), Patrícia Pillar (Ludovina), Alexandre Borges (Machado), Rogério Cardoso (Neto), Claudio Mamberti (Carvalho), Maria Sílvia (Margarida), Ary França (Medeiros), Nelson Dantas (Asprégio), Carlos Gregório (Nunes), Rui Resende, Sonia Siqueira, Javert Monteiro.

Brasil, fins do Século XIX. Um rico comerciante, Godofredo Alves surpreende a sua amada esposa, Ludovina, nos braços do sócio, Machado. Furioso, sentindo-se duplamente traído, Godofredo expulsa-a de casa, e desafia o rival para um duelo-de-morte...

Observações: Sobre a Obra de Eça de Queirós; uma realidade «transferida» para o Brasil. Co-produção luso-brasileira. Prémios aos Melhores Filme, Cenografia e Actriz (Patrícia Pillar) – em Brasília 1999.

2000

O CONDE D'ABRANHOS

Vd - Sr tv - 13 ep.

Realização: Antonio Mattos; produção: Antinomia, Radiotelevisão Portuguesa/RTP; obra original: *O Conde d'Abranhos*; autor original: Eça de Queirós; adaptação: Francisco Moita Flores; música: Paco Bandeira; interiores: Assembleia da República, Palácios Foz, da Independência e de Vale-Flor; data rodagem: Fev/Mai 2000; produtor: Moita Flores; emissão: RTP1.

Intérpretes/Personagens: Paulo Matos (Alípio o Conde d'Abranhos), Sofia Alves (Virgínia a Mulher do Conde), Carmen Santos (Laura Amado), Fernanda Serrano (Luísa Fradinho), Rui Luís Brás (Dr. Fradinho), Nicolau Breyner (Padre Augusto), Filomena Gonçalves (Casimira Vitorino), Simone de Oliveira (Amália Torres), José Manuel Rosado (Torres Pato), Maria Dulce, João d'Ávila, Canto e Castro, Henrique Viana.

Lisboa, século XIX. O percurso oportunístico e sem escrúpulos de Alípio Abranhos, um homem complexo e ambicioso, carreirista, oriundo de um meio pobre, mas que chega a deputado, a ministro influente, e por fim a Conde, tendo muitas amantes.

Observações: Série televisiva integrada nas comemorações do Centenário de Eça de Queirós.

EÇA DE QUEIROZ: EPISÓDIOS DA VIDA ROMÂNTICA

Vd - c, pb - 50 mn.

Realização: Margarida Metello; produção: Radiotevisão Portuguesa/RTP; série: «O Lugar da História»; narração: José Pedro Gomes; emissão: RTP2; data emissão: 25 Jul 2000.

Participantes: Eduardo Lourenço, Carlos Reis, A. Campos Matos e outros.

Uma viagem pelo mundo de Eça de Queirós, desde o seu nascimento, na Póvoa de Varzim, à infância passada em Vila do Conde e no Porto, e à iniciação literária na Coimbra boémia do século XIX, onde trava conhecimento com Antero de Quental. Das tertúlias coimbrãs às Conferências do Casino.

EÇA DE QUEIRÓS – REALIDADE E FIÇÃO

Vd - c - 44 mn 30 sg.

Realização: Luís Ferreira Alves, Victor Bilhete; produção: Sinal Vídeo; orçamento divulgado: 3.500 contos; texto: A. Campos Matos; imagem: Victor Bilhete; tratamento gráfico: Telmo Moreira; narração: Jorge Peixoto; música: J.S. Bach, Carlos Seixas, Chopin, Schubert; exec. musical: (piano) Sofia Lourenço, (violoncelo) Paula Almeida; montagem: Luís Ferreira Alves, Vítor Bilhete; produção exec.: José Ernesto Monteiro; coordenação: Carla Freitas; organização: Instituto

Camões; presidente: Jorge Couto; comissária científica: Isabel Pires de Lima; arquivo de imagem: (1969) Radiotevisão Portuguesa /RTP; patrocínio: Fundação Eça de Queirós; distribuição: Instituto Camões. Estreia: Paris; data estreia: 27 Mai 2000.

Apresentação: Alfredo Campos Matos; participante: Maria de Eça de Queirós de Castro (1969).

Com *Eça de Queirós Entre Milénios: Pontos de Olhar*, o Instituto Camões pretende, no centenário da morte, revisitar o escritor, a partir de diversos pontos de olhar de Eça ou sobre Eça. Este documentário procura desenhar as rotas internas e externas por ele percorridas, seguir-lhe as opções estéticas e ideológicas, penetrando nas atmosferas que o rodearam, no sentido de dar a ver como se entretecem *Realidade e Ficção*.

UM OLHAR DE MONÓCULO SINTRA E EÇA DE QUEIROZ

Vd - c - 50 mn.

Realização: José Pinheiro; realização pivots: Alexandre Reina; produção: Lisboa Capital; assis. realização: João Moura; argumento: João Rodil; guião: Alexandre Reina; fotografia: Henrique Serra; fotografia pivots: Alexandre Valentim; op. imagem: Alexandre Valentim; op. steadycam: Paulo Jorge Antunes, (assis.) Paulo Pinheiro; EPC/Grande Angular: Hugo Albuquerque; D+C/Espectroscópio: Fernando; 3D: João Bacelar; electricistas: (chefe) Pedro Paiva, (assis.) Luís Apura/Jack; grupista: Fernando Jorge; op. grua: Miguel Manso, (assis.) Mário Silveira; guarda-roupa do século XIX: Teatro Politeama, Filipe LaFéria; direc. guarda-roupa: Marcelo Melendreras, (assis.) Mafalda Ribeiro da Cunha; costureiro: Emília; caracterização: Miguel Molena, (assis.) Misé; cabeleireiro:



O Conde d'Abranhos, 2000.
Fotografia de colecção do autor.

Miguel Molena, (assis.) Misé; design/genérico: João Bacelar; som exterior: Edrice Saeed; sonorização: Alexandre Reina; figuração: Carla Trindade; Teatro Utopia: Nuno Vicente; Valente Produções: Fernando Valente; directos: Maria João Dornelas, Pedro Nuno Reis, Fernando Marques, Maria João Batalha, Sara Joana Rodil, Miguel Cupertino; catering: ComaConnosco, Tó Campos; cavalos: Francisco Jorge; cadela caniche: Maria José Carriho; cosmix: Isabel; telecinema: Alcântara Estúdios; equipamento: (iluminação) Cinemate, (maquinaria/Jimmy Jib) Imaginário Colectivo, Noémia Silveira; reg. som: Som de Lisboa; montagem: Alexandre Reina; montagem avid: Nuno Santos Lopes; produtor: Alexandre Reina; direc. produção: Daniel Freitas; chefe produção: Alexandra Ribeiro; sec. produção: Cristina Gonçalves; assis. produção: Rute Vale, Erianta Martins, Carlos Jordão, Jorge Caixinha, Gonçalo Mota, Marco Valadas, Paula Gomes, Ana Pinhão; patrocínio: Câmara Municipal de Sintra, Instituto Português do Livro e das Bibliotecas; distribuição: Costa do Castelo.

Apresentação: João Rodil. Intérpretes/Personagens: Jacinto Ramos (Tomás de Alencar), Alexandre Agostinho (Carlos da Maia), Nuno Vicente (Maestro Cruges), Pedro Reis (Eusebiozinho), Rui Braz (Palma Cavalo), Carla Trindade (Concha), Maria Barracosa (Lola), José Amado (Cocheiro), Fernando Marques (Velhote Inglês), Maria João (Velhota Inglesa), Paulo Alexandre Fonseca (Empregado de Hotel).

A relevância de Sintra – estância dilecta de ócio e lazer da aristocracia no século XIX – na obra de Eça de Queirós, com inspiração no Roteiro Queirosiano de Sintra. Este é da autoria de João Rodil, e vem sendo ministrado desde 1988 – a alunos, professores e público em geral, tendo-se vendido sobre ele mais de

seis mil livros. Além de mostrar o percurso e os intervenientes da viagem a Sintra, como descrita no Capítulo VIII de *Os Maias*, narra-se um pouco da história da época, dos costumes sociais, do movimento romântico.

Perspectivas

O *Cine-Jornal* nº 90 cita o projecto de filme policial com o título *O Mistério da Estrada de Sintra*, que António Lopes Ribeiro «prepara cuidadosamente», a partir da obra de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão.

António Lopes Ribeiro é um dos fundadores do Círculo Eça de Queirós.

O argumentista e investigador Roberto Nobre escreve o livro *Crítica e Auto-Crítica em Eça de Queirós*.

É anunciado que Leitão de Barros prepara uma adaptação de *O Primo Basílio*, sobre a obra de Eça de Queirós.

Setembro – no Rio de Janeiro, o *Jornal do Brasil* noticia um projecto da Tv Manchete, de transposição em telenovela sobre *O Crime do Padre Amaro* de Eça de Queirós, sendo responsável Jayme Monjardim, de viagem a Por-

tugal; em previsão noventa capítulos, com rodagem na cidade «com património histórico» de Parady.

7 de Junho – A Cinemateca Portuguesa apresenta *El Primo Basílio* (1934) de Carlos de Nájera, sobre o romance de Eça de Queirós, no ciclo «Que Viva México!».

11 de Novembro – Projectos seleccionados pelo ICAM, no Concurso de Apoio Financeiro à Pesquisa e Desenvolvimento de Documentários: com 750 contos – *Eça de Queirós, Uma Vida* de Joana Pontes & Cristina Andrade (produção).

4 de Dezembro – RTP anuncia a produção de duas séries baseadas em obras de *Eça de Queirós*, cujo centenário de morte se assinala no ano 2000: «O Conde d'Abranhos» e «O Crime do Padre Amaro», ambas com argumento de Francisco Moita Flores.

18 de Abril – RTP anuncia um projecto de série televisiva, sobre a juventude de Eça de Queirós, com argumento de António Torrado e realização de Francisco Manso: «*como ele era e o que o motivou, antes de se tornar o escritor do monóculo*».

21 de Abril – É anunciada uma transposição televisiva, no Brasil, sobre *Os Maias*, de Eça de Queirós, em mini-série da Tv Globo, com Terra Produções; sob realização de Luiz Fernando Carvalho, com rodagem parcial em Portugal, e a emitir em Janeiro de 2001, sendo argumentistas João Emanuel Ribeiro e Maria Amaral.

Eça de Queirós. Realidade e Ficção

Entre as manifestações promovidas pelo Instituto Camões – no âmbito do centenário sobre a morte do grande escritor português, propondo *Eça de Queirós entre Milénios: Pontos de Olhar* – assinala-se um documentário cultural, de que é autor e apresentador A. Campos Matos.

Eça de Queirós – Realidade e Ficção cumpre, sobretudo, os objectivos em causa de divulgação, referenciando aspectos recorrentes entre a vida e a obra – em que a linearidade narrativa corresponde às implicações romanescas, através de uma exposição didáctica para públicos variados.

A infância infeliz que o marcou, a irreverência das cumplicidades estudantis, os movimentos em que participou, o convívio com outras personalidades literárias, os pormenores da carreira diplomática, o casamento e o retiro rústico constituem pontos determinantes de abordagem.

A imagem animada, sobre os testemunhos remanescentes ou as motivações ambientais, privilegia afinal uma ilustração comentada com um alusivo fundo musical, e complementada por diversos elementos – como fotografias, gravuras, páginas de jornais, ou mesmo os filmes de época.

Entre estes, sobressai um precioso depoimento – oportunamente registado pela Radio-televisão Portuguesa – em que a filha de Eça de Queirós, Maria, fala da própria infância, e presta um inestimável contributo sobre a personalidade, a relação familiar e o seu peculiar regime de trabalho.

Eça de Queirós – Realidade e Ficção atém-se nas virtualidades de um produto audiovisual, especificamente concebido como suporte/transmissão de um conteúdo singular, mas complexo, ao qual fornece uma notória qualidade técnica, e expressivas potencialidades de difusão internacional. [JMC]